

“*Quo Vadis*” Língua Portuguesa?

Amélia Arlete Mingas*

Publicação póstuma

Luanda, Junho de 2015

“Quantos dicionários Moçambique terá de comprar de novo? Quantos livros terá de mandar rescrever? Quantos livros de escola terão de ser refeitos, em nome de um acordo ortográfico? Será que valerá a pena sacrificar tanto dinheiro dos POBRES¹ só para tirar um “c” e um “p” do que está escrito? [...] Penso que é um capricho tão desnecessário quanto caro.”

Paulina Chiziane

Pensar e escrever - utilizando a língua portuguesa - é nos dias de hoje, difícil e problemático, donde a transcrição da opinião de alguém que, como muitos outros locutores do Mundo da Fala portuguesa, enfrenta o grande problema de reaprender a escrever a língua comum.

É notório que, ao contrário do previsto/prometido, o acordo ortográfico, em vez de unir os diferentes utentes da língua, começa a dividi-los pois, pese embora as defesas segundo alguns, de que ele iria aproximar os locutores dos diferentes tipos de apropriação e modos de estar na língua comum, a verdade é que, atualmente, várias são as vozes que começam, cada vez mais, a reagir negativamente à sua implementação.

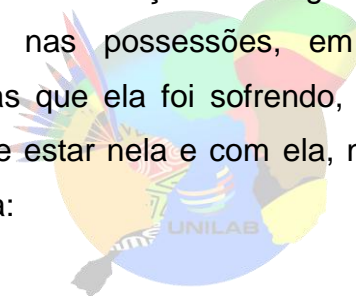
A história do desenvolvimento do português mostra-nos como, à semelhança do que aconteceu ao francês e/ou ao inglês, o português foi-se tornando uma realidade multicontinental, multiétnica e multicultural. A esta evolução não é estranho o contacto que ela foi tendo por onde a vontade humana dos seus locutores a levaram e impuseram

* Doutora em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade de Rene Descartes Paris (1994), com tese intitulada “Étude grammatical de l’lwoyo, orientado pelo Prof.Dr. Emílio Bonvini. Foi professora do ensino secundário, médio e superior com maior contribuição na Universidade Agostinho Neto-Angola onde foi professora catedrática. Esta é uma publicação póstuma autorizada pelo Senhor Jota Carmelino, amigo e colaborador da Revista Njinga & Sepé, a quem agradecemos a sua singela contribuição que honra a figura principal- a Profa. Dra. Amélia Mingas. Para mais informações sobre a Profa. Dra Amélia Mingas, visite a página: <https://ameliamingas.org/publica>

a outras Gentes, a outros modos de falar, de pensar, de sentir e de recriar uma língua. É que, não se pode deixar de reconhecer que o Mundo da Fala Portuguesa:

“... Instituiu-se no esteio de uma língua de identificação comum, mas não é menos certo que essa identificação comum se vai definindo com as “impressões digitais” das várias matizes particulares e específicas das Partes, que o seu enriquecimento será tanto maior quanto mais livres e criadores foram os impulsos dessas matizes e que a universalidade deste valor – o uso da língua portuguesa – está ainda longe de ser alcançada em muitos dos nossos Países...” (Mingas, 2010: 15).

Como resultado não só dos contactos seculares entre os “*Chegantes*” (Portugueses) – locutores de uma língua europeia, estranha, desconhecida – e os “*Descobertos*” (Ameríndios, Africanos), locutores de línguas e culturas diferentes, considerando que esses contactos caracterizaram-se, principalmente, pela imposição e obrigatoriedade de utilização da língua portuguesa em todas as interações comunicacionais nas possessões, em alguns casos, várias e profundas foram as mudanças que ela foi sofrendo, porquanto fomentou novos modos de falar, de sentir e de estar nela e com ela, nos novos locutores. A este respeito, Lino (2010:51) afirma:



“... A neologia, a variação lexical e terminológica da Língua Portuguesa nos Países de Língua Oficial Portuguesa, merecem uma observação urgente, uma vez que a Língua Portuguesa não cessa de evoluir em contacto com outras línguas e culturas”.

Em algumas das possessões, porque povoadas por um número significativo de habitantes, cujas línguas maternas, como afirmamos acima, eram/são genética e estruturalmente diferentes da portuguesa, esta língua coexistiu com as locais, ganhando novas sonoridades, incorporando novos saberes e sentires. Começemos por ver o que aconteceu no Brasil, a maior comunidade de língua portuguesa.

Secco (2010:28), comentando e citando o escritor angolano Manuel Rui Monteiro afirma:

“... Sabemos que a língua portuguesa, tanto no Brasil, como em determinados territórios da África, foi uma imposição dos colonizadores portugueses. Contudo, transformada e possuída pelos

colonizados, adquiriu novas afetividades: “No chegar do outro não se falava esta língua aqui. A língua foi trazida. Daí a sua boa óbvia transgressão. O invadido sentiu a língua do outro como invasora. Mas transgredir é possuir a língua”.

Referindo-se à trajetória da língua portuguesa em território brasileiro, a autora continua a sua análise comentando:

“... Na ocasião da descoberta do Brasil, havia mais de 1000 línguas indígenas no país – hoje, formam um número bem reduzido as que resistiram à colonização, pois a maioria, no decorrer do processo histórico foi silenciada... A partir do tupinambã, falado pelos indígenas mais acessíveis ao contacto com os colonizadores, criou-se uma língua geral, também enriquecida pelos escravos vindos de África. Segundo Câmara Jr., esses também se adaptaram a essa língua geral de origem indígena, que, durante séculos, foi a mais veiculada entre os colonos.”

“... Foi por um decreto assinado pelo Marquês de Pombal que o idioma português se tornou a língua oficial do Brasil. Nessa ocasião, diversos falantes brasileiros já haviam incorporado palavras de origem indígena e africana em seu léxico...”

Ainda sobre a língua portuguesa falada no Brasil, Pessoa de Castro (2010:107) reforça, a fala de Secco, salientando:

a consequência mais direta do tráfico de África para o Brasil foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sul-americana. Isso se fez sentir em todos os setores, lexical, semântico, prosódico, sintático e, de maneira mais rápida e profunda, na língua falada. Explicar o avanço do componente africano neste processo, antes de tudo, é ter em conta o falante africano como personagem atuante e com voz no desenrolar dos acontecimentos históricos de ordem sócio-econômica e de natureza linguística que ao longo de três séculos consecutivos favorecem a participação de seus atores no processo de conformação do português brasileiro.

No que respeita à evolução da língua portuguesa no Brasil, importa também considerar que, às comunidades ameríndia, portuguesa e africana vivendo no país, juntaram-se emigrantes alemães, italianos, árabes e japoneses. As línguas maternas destas novas comunidades foram, pouco a pouco, enriquecendo o léxico da língua aí falada, donde a plasticidade, especificidade, riqueza e abrangência do português falado no Brasil.

O contacto com os Povos africanos, nomeadamente com os Angolanos e Moçambicanos, detentores de estruturas linguísticas e culturais consolidadas, viabilizou, nos respectivos países, fenômenos diversos, de que salientamos, numa primeira etapa, o de aportuguesamento dos termos locais e, seguidamente, com o decorrer do tempo e da intensidade e frequência das interações entre Portugueses e Africanos aparecem os de bantuização e de expansão do campo semântico de termos portugueses de que juntamos alguns exemplos, obtidos das línguas umbundu, kimbundu e kikongo. Ei-los:

Exemplos:

- 1) *Banza* <Mbanza Kongo [ba-nza ko-ŋgo] é a capital do Reino do Kongo;
- 2) *Tando Zinze* <Ntandu Nzinzi [ntha-ndu nzi-nzi] é uma comuna da província de Cabinda;
- 3) *Caála* [tʃaala] <Kahala [ka-há-la] é um município da província de Huambo (Wambu).

Nestes exemplos podemos constatar, no primeiro, a oralização da pré-nasal bilabial /b-/: no segundo notamos o mesmo fenómeno, assim como a mudança de grau de abertura das vogais /-u/ e /-i/ em posição final de sílaba; no terceiro exemplo, está presente a palatalização da consoante velar, porquanto no termo africano temos [kahala], onde a segunda vogal central /-a-/ é precedida da consoante aspirada [-h-] inexistente no termo aportuguesado.

Quanto ao que respeita o fenómeno de bantuização, seguem-se alguns exemplos:

- 1) *Luvualu* (Álvaro);
- 2) *Madiya* (Maria) é uma comuna da província de Cabinda;
- 3) *Mpetelo/ Petelo* (Pedro).

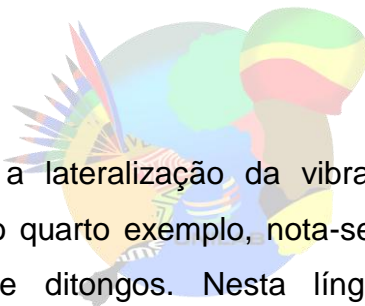
Nas frases acima apresentados, constatamos no primeiro exemplo, a aférese da vogal inicial, a ênclise da vogal posterior /-u-/, a lateralização da vibrante e a mudança do grau de abertura da vogal posterior /-o/ porquanto, à diferença do que existe na língua portuguesa, nas línguas bantu não se verifica nenhum fenómeno de neutralização entre os sons /-o/ e /-u/ em posição final de sílaba; no segundo, a inexistência na língua da vibrante /r/, levou à lateralização dessa consoante, donde a

sua substituição pela lateral //l/. Contudo, como na língua kimbundu a lateral, face à vogal anterior /-i/, sofre um fenômeno da neutralização, ela é substituída pela dental sonora /- d-/. Verifica-se por outro lado, a êncrise da semi-vogal palatal implicando uma nova sílaba e a anulação do ditongo, inexistente nas línguas bantu; no terceiro, temos a nasalização da consoante oral portuguesa pois, a bilabial surda no início dos antropônimos é frequentemente nasalizada.

No que respeita a Moçambique temos de igual modo, à semelhança do verificado em Angola, exemplos de bantuização e de expansão do campo semântico, nas línguas Yawo, Makonde e Tonga (Ngunga, 2010:126).

No exemplo da língua Yawo notamos a lateralização da vibrante e o alongamento da vogal em posição média e uma nova sílaba, pois todos os termos terminam sempre com sílabas abertas:

- 1) *Laapaci* < rapaz;
- 2) *Loosa* < rosa;
- 3) *Laatu* < rato



Na língua Makonde temos a lateralização da vibrante e a palatalização da consoante alveolar surda. No quarto exemplo, nota-se a presença de uma nova sílaba, pela inexistência de ditongos. Nesta língua, ao contrário do que acontece em kimbundu, não se verifica a neutralização da lateral, seguida da vogal anterior /-i/:

- 1) *Maliya* < Maria;
- 2) *Kalabina* < carabina (sp. espingarda);
- 3) *Tiilu* < tiro;
- 4) *Shawude* < saúde;
- 5) *Sholidado* < soldado.

Noutras paragens, a convergência dos membros de diferentes comunidades nesses territórios, pareceram novos falares serviu de plataforma para a emergência de um modo específico e consolidado de comunicar, os crioulos, casos de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. De salientar que em Cabo Verde existem apenas a língua portuguesa e o crioulo cabo-verdiano. Na Guiné-Bissau e em São Tomé e

Príncipe, a par da língua portuguesa, existem línguas locais africanas, como o balanta, a que se juntou o crioulo, na Guiné-Bissau e os crioulos Forro e o Linguíye. Nestes países, é difusa a fronteira entre a língua portuguesa e as locais, na medida em que entrelaçam-se as componentes morfo-sintáticas da língua europeia e das línguas africanas.

Vejamos os exemplos que se seguem:

- 1) *Mi n'stâ li, bú stâ lá* “estou aqui, tu estás lá”;
- 2) *M' tâ gostâ di bo* “gosto de ti”;
- 3) *Nha fidju fémia* “minha filha”;
- 4) *Nha fidju matchu* “meu filho”.

Uma análise dos exemplos apresentados permite-nos notar que os constituintes dos enunciados diferem dos da língua portuguesa pois, existe uma única forma para os dois constituintes nominais presentes, /n'/ “eu” e /bo/ (tu): *stâ*. Por outro lado, contrariamente ao que acontece nos enunciados da língua comum, o índice de sujeito da primeira pessoa verbal é uma nasal¹, os verbos não são flexionados e não está expressa a diferença de género, porquanto são os determinantes /fémia/ e /matchu/ que nospermite distinguir o género feminino do masculino. O mesmo é notado nas frases dos enunciados das línguas bantu, como se pode verificar nos exemplos que se seguem do iwoyo, uma língua kongo:

- 1) *minu ikuwenda ku Ciyowa minu//i-kuwenda//ku//Ciyowa eu//índice de sujeito+ir//a//Ciyowa* “Vou a Ciyowa/Cabinda”;
- 3) *n̄jeye ukuwenda ku Ciyowa n̄jeye//u-kuwenda//ku//Ciyowa /tu// índice de sujeito+ir//a//Ciyowa* “Tu vais a Ciyowa/Cabinda”

¹ Fenómeno idêntico verifica-se na língua kikongo

I. Vejamos alguns exemplos de aportuguesamento:

Termos de línguas africanas	Correspondentes em língua portuguesa
Dikota “mais velho”	Cota
Viye “antropónimo umbundu”	Bié
Kukoxila “dormitar”	Cochilar
Koxilu “descanso rápido”	<i>Cochilo</i>
Kalunga “mar, morte”	Calunga
Kusungila “pernoitar”	Sungilar “pernoitar, dançar”
kimbanda “curandeiro”	Quimbanda
Kasule “o mais novo da família”	Caçula
Kuxinga “chamar à atenção, insultar”	Xingar
Malanji “topónimo”	Malange
Mbanza Kongo “topónimo kikongo”	Banza Congo
Mbuku Nzawu “topónimo kiyombe”	Buco Zau

II. Vejamos exemplos de bantuização

Português europeu	Português de Angola
Alvaro	<i>Luvualu</i>
Maria	<i>Madiya</i>
Dom Sebastião	<i>Dombaxi</i>
Pedro	<i>Mpetelo/ Petelo</i>
Jesus	<i>Yezu</i>

III. Vejamos exemplos de expansão semântica

Português Europeu	Português de Angola
Borracho	Borracho, <i>bonito, estúpido, bêbado</i> : Este homem é (um) <i>borracho</i>
Bater	Bater, <i>ser bem-sucedida/o</i> : Meu irmão, esta música <i>bateu</i>
<i>Bazar</i>	Bazar, <i>ir para qualquer sítio, partir</i> : <i>Estou a bazar</i>

Confundir	Confundir, <i>faltar ao respeito a alguém: Estás-me a confundir?</i>
Emagrecer	Emagrecer, <i>chegar-se para o lado:</i> Joana <i>emagrece</i> para o teu irmão poder sentar-se
Ferrar	Ferrar, <i>dormir:</i> Hoje, vou <i>ferrar</i> mais cedo
Matar	Matar, <i>faltar à...:</i> Hoje não vou matar a aula de inglês
Parar	Parar, <i>morrer:</i> - Quem parou nesta casa? = - Quem morreu...
Bife	Bife, <i>discussão:</i> O Nagrelha teve um bife com o Sebém
Faca	Faca, <i>facar “roubar”:</i> Senhor guarda o meu filho não faca
Mambo	Mambo, <i>assunto, problema:</i> Estou com um mambo grave
Nigéria	Nigéria, <i>falso:</i> - O teu telemóvel é nigéria (falso)
Dá-me o caderno	Me dá o caderno
Ir a	Ir em: Vou na praia
Nascer	Nascer, <i>nascer filho:</i> Os Angolanos que nascem filho em Portugal têm muitas dificuldades
Português, Tuga	Português, Tuga, Ngweta: Aquele ngueta abriu uma loja no bairro.

Conclusão

Uma análise do que foi dito anteriormente, torna evidente e óbvio reconhecer que a partir da variante europeia, podemos afirmar que a nossa comunidade apresenta representa um modo diversificado de falar português. Uma vez que toda a língua é produto de uma sociedade específica e que todas as comunidades que integram o Mundo da Fala portuguesa têm línguas diferentes da comum e que não se pode dissociar a língua da comunidade que a criou e que cada um dos Estados membros da comunidade criou um meio específico de interagir com os restantes membros.

Referências

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (2010). A língua portuguesa em situação de contacto de línguas e culturas unidade e diversidade. In: *Simpósio Internacional sobre a*

Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP, IILP. Mindelo, Cabo Verde.

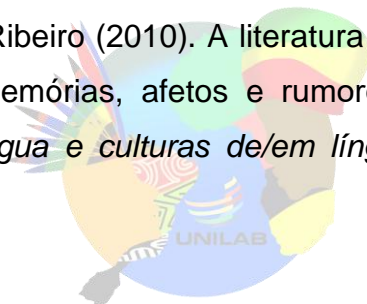
MINGAS, Amélia Arlete (2000). *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*, Campo das Letras Porto, Xá de Caxinde Luanda.

MINGAS, Amélia Arlete (2010). Complementaridades entre línguas e culturas. In *Simpósio Internacional sobre a Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP*, IILP. Mindelo, Cabo Verde.

NGUNGA, Armindo. (2010). A problemática de interferências de línguas moçambicanas na língua portuguesa. In: *Simpósio Internacional sobre a Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP*, IILP. Mindelo, Cabo Verde.

PESSOA DE CASTRO, Yeda (2010). A participação de falantes africanos na formação do português brasileiro: aspectos sócio-históricos e linguísticos. In: *Simpósio Internacional sobre a Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP*, IILP. Mindelo, Cabo Verde.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro (2010). A literatura brasileira e a paixão pela língua portuguesa, uma língua de memórias, afetos e rumores... In: *Simpósio Internacional sobre a Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP*, IILP. Mindelo, Cabo Verde.



Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 25/05/2022

Para citar este texto (ABNT): MINGAS, Amélia Arlete. “Quo Vadis” língua portuguesa. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.2, nº 1, p.557-565, jan./jun.2022.

Para citar este texto (APA): Mingas, Amélia Arlete. (jan./jun.2022). “Quo Vadis” língua portuguesa. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (1): 557-665.